

II Encontro Regional de Agroecologia da Amazônia

Aconteceu nos dias 27 a 30 de setembro em Cuiabá, na capital do agronegócio, o II Encontro Regional de Agroecologia da região Amazônica, com a participação de mais de 800 pessoas entre agricultores e agricultoras familiares, populações tradicionais, técnicos e pesquisadores de todos os estados da Amazônia legal.

Os seminários, os espaços de diálogos, a feira de saberes e sabores, a troca de sementes e os momentos culturais contribuíram para o fortalecimento da agroecologia e a sua reafirmação como estratégia para o desenvolvimento da Amazônia, em contraposição ao agronegócio que nega a biodiversidade, o saber e a cultura dos agricultores e das agricultoras familiares e populações tradicionais, homogenizando os agroecossistemas em favor do capital.

A caravana do Tocantins marcou presença no evento com a participação de 20 representantes de organizações de norte a sul do estado que desenvolvem trabalhos baseados nos princípios agroecológicos, destacando-se a exposição da experiência das quebradeiras de coco babaçu no seminário e de diversos produtos como mel, doces de frutas nativas, artesanatos, farinha orgânica, sabão e azeite de babaçu e licores possibilitando ao público a troca de saberes e sabores.

Um aspecto importante a se destacar é a participação equilibrada entre homens e mulheres e a grande representatividade dos agricultores e agricultoras familiares e populações tradicionais que representaram 90% do público da delegação do Tocantins.

Este evento possibilitou a caravana do Tocantins vivenciar e trocar experiências com as outras regiões da Amazônia; amadurecer o nosso entendimento sobre agroecologia; fortalecer a articulação entre as organizações e reafirmar nossa posição contra o agronegócio e a favor da agroecologia e políticas públicas que respeitem as especificidades da região amazônica.

Assim, as estratégias tiradas pela delegação do Tocantins para o fortalecimento da agroecologia no estado foram: (I) realização de um encontro estadual de agroecologia; (II) sistematização das experiências agroecológicas para dar maior visibilidade; (III) articulação de outros segmentos sociais como indígenas e pescadores e pescadoras artesanais, não se restringindo apenas aos agricultores(as) familiares e, (IV) formação de uma comissão de articulação com representantes de diversos movimentos sociais.

Desta forma, convidamos todos e todas para participarem da construção do movimento agroecológico no nosso estado e da preparação do **II Encontro Nacional de Agroecologia** que acontecerá em Recife no ano que vem.

Expediente: Proibido para: Alternativas para Pequena Agricultura no Tocantins - APA-TO / Sócios: Priscila Franco, Yuki Ishii / Organizações: Mata & Cia Protagenda / Revêlo, Yuki Ishii, Elaine Cristina / Contatos: (63) 3456-1407 / e-mail: apato@uol.com.br



Biodiversidade: valores

As abelhas sem ferrão são as principais agentes polinizadoras de várias plantas nativas. Isto ocorre porque, em geral, cada espécie de abelha nativa se alimenta do néctar de uma única espécie de flor. Por outro lado, as chamadas abelhas africanas, italianas, européias, se alimentam de vários tipos de flor, fazendo com que a polinização aconteça com uma eficiência bem menor. **Preservar as abelhas nativas contribui, portanto, para conservar os mais diversos tipos de plantas.**

Esta grande intimidade entre abelhas e plantas contribui não somente para manutenção da nossa biodiversidade, mas também para o sucesso dos plantios. Por exemplo, muitos agricultores utilizam as abelhas sem ferrão na polinização de culturas agrícolas tais como urucum, camu-camu, carambola, coco-da-praia e manga.

As abelhas sem ferrão são, de um modo geral, bastante dóceis. Para manejá-las não é necessário o uso de roupas e equipamentos de proteção tais como macacão, luvas, máscaras e fumegadores. Isto reduz os custos de criação e permite que sejam mantidas perto de residências e/ou de criações de animais domésticos e **é uma atividade facilmente realizada por jovens, idosos, mulheres, inclusive gestantes.**

O mel produzido pelas abelhas sem ferrão contém os nutrientes básicos necessários à saúde, como açúcares, proteínas, vitaminas e gordura. Esse mel possui, também, propriedades medicinais maiores do que o mel convencional das abelhas com ferrão.

Na região do Bico do Papagaio, é muito comum agricultores criarem abelhas nativas em cortiços. Porém, desde 2001 agricultores dos STR's de Axixá e Araguatins, em parceria com ABIPA e APA-TO e apoio do PPP/ISPN, estão criando abelhas nativas em caixas construídas especificamente para este fim. Esta atividade é chamada de **meliponicultura**.



FOTO: YUKI ISHII

das abelhas nativas

(adaptado de : Abelhas indígenas sem ferrão, Patricia Drumond – Embrapa Acre)

Como é uma atividade nova e os meliponicultores pouco dominam a técnica de manejo das abelhas nativas, atualmente estão coletando de 0,5 a 2 litros de mel/colônia/ano. Mas, as abelhas nativas podem produzir muito mais, como na região do Nordeste, onde alguns meliponicultores conseguem coletar de 5 a 8 litros de mel/colônia/ano, o que segundo os especialistas da área, está muito abaixo do potencial de produção das abelhas nativas.

Por outro lado, o mel das abelhas nativas é bastante procurado e valorizado pelas suas propriedades medicinais, atingindo um preço muito superior que o das abelhas africanizadas. Para se ter uma idéia, 250 g de mel de abelhas nativas é comercializada a R\$ 10,00 ou a R\$ 15,00 em alguns estados do Brasil.

A região do Bico do Papagaio apresenta uma rica diversidade de abelhas nativas. Em Araguatins, os meliponicultores da Vila Falcão, contabilizaram mais de 15 tipos de abelhas nativas, destacando a urucu amarela, urucu preta, jandaíra, moça branca, jataim, borá entre outras. Além disso, um estudo realizado entre 1999 e 2000 totalizou a existência de 83 espécies de abelhas, nativas e exóticas, entre as quais destacam-se a urucu-cinzenta, jandaíra como abelhas nativas com bom potencial para meliponicultura.



FOTO: YUKI ISHII

Ninho



FOTO: YUKI ISHII

Potes de mel

Os ninhos de abelhas sem ferrão são capturados da natureza somente para formar o plantel inicial. Uma vez formado esse plantel, várias técnicas podem ser utilizadas para a multiplicação dos ninhos, reduzindo, dessa forma, a necessidade de retirada das abelhas de seu local de origem. A espécie de abelha a ser criada deve ser selecionada de acordo com a região de ocorrência.

A meliponicultura é, portanto, uma atividade de baixo impacto ambiental, que produz um alimento de elevado nível nutricional, e de retorno financeiro garantido. Se bem planejada, a criação de abelhas sem ferrão em caixas racionais potencializa um modelo de desenvolvimento sustentável para a Região Amazônica, a medida que promove o uso racional dos recursos da floresta, equilibrando interesses ambientais, com interesses sociais de melhoria de qualidade de vida das populações que residem na região.

Experiência do PAC com abelhas sem ferrão

Já que o assunto é abelhas nativas, o Bico Agroecológico conversou com Seu Antonio Filho sobre sua experiência e a do grupo PAC (Projeto Abelhas do Cerrado) com abelhas sem ferrão. Na conversa, Seu Antonio começou falando que a criação de abelhas nativas já é tradição na região, e que muitas famílias têm ninhos em casa, para poder consumir o mel.

O que o PAC está trazendo de diferente para 20 famílias, envolvidas com a criação de abelhas nativas, é o **compromisso com a preservação do meio ambiente**. É este compromisso, e não tanto o da geração de renda, **o maior incentivo para o grupo investir nas meliponias** (abelhas nativas).

Seu Antonio contou que a meliponicultura é uma atividade que envolve toda sua família. Sua mulher e seus filhos não têm medo de mexer e todos participam de alguma forma: *"Meu filho de 12 anos já capturou abelha e tirou mel. Ele gosta muito"*.

Ele destacou que a abelha nativa rende menos mel, mas por outro lado requer um investimento muito menor em equipamentos. Além disso, o mel da abelha sem ferrão é muito mais valorizado no mercado. Têm lugares no país que chega a custar cinco vezes mais do que o mel da Apis (abelha europeia, italiana ou africanizada). O PAC vende o litro do mel da jandaíra pelo dobro do preço do mel da europeia e, segundo o professor Murilo, especialista no assunto, este preço é muito baixo. O Seu Antonio explica que apesar da procura pelo mel de abelha nativa ser grande, os consumidores da região não comprariam o mel se fosse mais caro do que isso. Ele falou também que a maior parte das pessoas procura o mel da tiúba porque acham que só ela é medicinal. *"Porém, hoje se sabe que a maioria das abelhas sem ferrão produzem mel medicinal, inclusive a jandaíra (ou preguiçoso)"* – frizou.

Por falar em jandaíra, o pessoal do PAC tem notado que é mais fácil criar jandaíra do que tiúba na região deles. A tiúba é mais rara, difícil de encontrar e também muito atacada por mariposas.

Atualmente, o grupo está fazendo experiências com dois tipos de caixa, pra ver qual responde melhor a necessidade deles. Uma das caixas que eles usam, recomendada pelo professor Murilo, é de 30cmx30cm. Os trabalhadores observaram que ela é muito espaçosa e por isso o mel demora a chegar na melgueira. Por outro lado, o professor Murilo argumenta que essas caixas mais espaçosas estimulam as abelhas a produzirem mais.



YUKI ISHII

O grupo tem ainda discutido bastante a questão da produção atrelada a conservação ambiental. Eles pensam em trabalhar a recuperação de áreas com Sistemas Agroflorestais (SAFs), utilizando plantas que tenham floradas boas para as abelhas, e que também produzam frutos de valor comercial. Eles pensam em plantar cupuaçu, cacau, murici, manga, laranja e têm procurado preservar o bacuri e outras árvores que vão surgindo espontaneamente. É a agricultura familiar, aliando alternativas como a meliponicultura e os sistemas agroflorestais, preservando o meio ambiente, gerando renda e valorizando a cultura local!